

Globalização, sexualidade e religião – reflexões

Ênio Brito Pinto – mestrando em Ciências da Religião na PUC/SP

Resumo

O presente texto apresenta reflexões sobre a globalização e a influência de sua ideologia sobre a sexualidade humana e sobre a religiosidade. Apresenta ainda uma hipótese sobre o tipo de personalidade que é criadora e criatura da ideologia da globalização, a personalidade narcísica. Trata da depressão como um dos subprodutos da globalização e lança a idéia de que uma das possíveis saídas da depressão globalizada pode ser através da fé.

Palavras chave: globalização; sexualidade; religião; narcisismo

Summary

The present text presents reflections on the globalization and the influence of your ideology on the human sexuality and about the religiosity. It still presents a hypothesis on the personality type that is creative and creature of the ideology of the globalization, the narcissist personality. The text treats of the depression as one of the by-products of the globalization and it introduces the idea that one of the possible exits of the globalized depression can be through the faith.

Words key: globalization; sexuality; religion; narcissism

Globalização, sexualidade e religião – reflexões

O propósito deste texto é, num primeiro momento, lançar hipóteses sobre como, através da utilização de instrumentos de algumas ciências humanas, pode-se entender as influências da globalização no comportamento das pessoas. A partir daí, pretende-se caracterizar a cultura de consumo e a base psicológica para que ela possa ser chamada assim. Correlacionaremos a sexualidade e a cultura de consumo, para depois comentarmos sobre a religião nesse tipo de cultura, concluindo com considerações sobre o papel da religiosidade para os indivíduos do mundo pós-moderno.

Parto do pressuposto de que a globalização é um dado inexorável do mundo de hoje. Ela está aí, não pode ser negada e tampouco permite recuos. O avanço das técnicas modernas – principalmente na informática, na genética, na bioquímica, na eletrônica e na comunicação – é uma conquista da qual, como seres humanos, só podemos nos orgulhar. No entanto, é preciso e urgente que reflitamos sobre o como e o para quê essas técnicas podem ser – ou estão sendo – usadas: se para o progresso do ser humano ou se para sua escravização. Em outros termos: que mundo estamos construindo e, por extensão, para que mundo estamos educando nossas crianças e nossos jovens.

Para Jacques Chonchol a globalização

trata de redefinir o papel central que têm desempenhado até recentemente os Estados-nações, os capitalismo nacionais, a riqueza dos países, a modernização industrial e os contratos nacionais de bem-estar social. A globalização é um processo complexo que vai mais além da internacionalização e da multinacionalização e que se está desenvolvendo com diversos graus de intensidade em diferentes planos das economias e das sociedades. (Chonchol, 1996, p. 31)

Diz o pensador francês que a globalização se dá principalmente a partir de quatro planos: o financeiro, o da estratégia das empresas em busca de novos mercados, o do desenvolvimento de novas técnicas de produção e de novas produções e, por fim, mas não menos importante, num quarto plano que se manifesta “nos modos de vida e nos modelos de consumo, o que influi de modo decisivo sobre as culturas dos diversos povos.” (Chonchol, 1996, p. 31/32)

Para Milton Santos, “a globalização atual é perversa, fundada na tirania da informação e dinheiro.” (Santos, 2000, p. 15) Argumenta o professor que a base do processo globalizante nos dias de hoje se fundamenta no uso da informação de maneira tendenciosa e deturpada em prol do mundo financeiro. Lembra ele que nunca como hoje o dinheiro na sua forma pura foi tão central na ideologia vigente, pois vivemos um mundo em que a ciranda financeira é básica no sustento do *modus vivendi*, tornando a globalização o ápice da internacionalização do capitalismo.

De fato, é imenso o valor do dinheiro no mundo moderno: as novas técnicas, principalmente a informática, permitem que o mercado de capitais funcione praticamente o dia inteiro, sujeitando os países aos seus caprichos, como pudemos perceber recentemente na crise russa e nos seus reflexos pelo mundo afora.

Sobre esse aspecto, Chonchol argumenta que os movimentos de capital, as privatizações das empresas públicas, a desregulamentação dos mercados, fazem concluir que “as moedas se converteram em objetos de especulação.” (Chonchol, 1996, p. 32) Lembra ainda que o fluxo de dinheiro orientado para a especulação não tem nenhuma proporção com as necessidades das economias reais.

Ao lado da imensa importância do dinheiro – ou talvez exatamente por causa dela –, a forma como as empresas lidam com os países e com as pessoas é única na história humana. Assim como o capital, as empresas já não têm mais compromissos com os lugares onde se instalam, muito menos com as pessoas desses lugares: o que importa são os lucros, e a produção é feita aonde eles forem maiores, independentemente de qualquer compromisso social.

Podemos, além disso, observar que a globalização se fundamenta numa transferência de poder do Estado para as grandes grupos transnacionais, os quais estão geralmente associados aos Estados dos sete grandes países que hoje dominam o mundo, numa espécie de neocolonialismo, no qual já não importa mais conquistar territórios, mas, antes, conquistar mercados.

É Jacques Chonchol quem comenta: “(...) alguns especialistas dizem que vivemos uma nova forma de colonialismo dirigido agora pelas firmas transnacionais que pode empobrecer e levar à marginalidade a mais gente, destruir mais culturas e causar mais desastres ecológicos que o colonialismo de antigamente imposto pelos sistemas clássicos de dominação cultural.” (Chonchol, 1996, p. 34)

De fato, o que observamos no mundo hoje é uma exclusão social de tal monta que seria inimaginável há algumas décadas. Isso porque a busca de competitividade e de aumento de produtividade deixou de ser um meio para a globalização para se tornar um fim em si mesmo, já que competitividade é a base da rentabilidade do capital, e por isso é tão buscada.

Para Milton Santos, a competitividade substitui no mundo atual a competição. Ele as diferencia dizendo que a competição está sujeita a regras morais, o que não acontece com a atual competitividade, movida apenas pelo lucro imediato “mediante processos que levam à busca da unificação e não propriamente à busca da união.”(Santos, 2000, p. 84) Desta maneira, a “globalização se realiza, mas não a serviço da humanidade. A globalização mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada.”(Santos, 2000, p. 65)

Em parte, isso se dá porque as novas tecnologias precisam de menos mão-de-obra, condição fundamental da competitividade, o que se soma ao domínio do mercado de consumo como o atual grande formador de identidades e balizador de desejos.

Em todo o mundo (e não apenas nos países subdesenvolvidos) o desemprego é o grande drama de nosso tempo, um tempo cuja ideologia diz que

modernizar a maneira como a empresa é dirigida consiste em tornar o trabalho 'flexível' – desfazer-se da mão-de-obra e abandonar linhas e locais de produção de uma hora para outra, sempre que uma relva mais verde se divise em outra parte, sempre que possibilidades comerciais mais lucrativas, ou mão-de-obra mais submissa e menos dispendiosa, acenem ao longe. (Bauman, s/d, p. 50)

É falsa a idéia de que o progresso resolverá o problema do desemprego. Numerosos empregos de menor qualificação

se vêem condenados a desaparecer. No que se refere aos novos empregos que se criam, eles são fundamentalmente temporários e geralmente mal pagos. Os melhores empregos ficam reservados a um punhado de especialistas privilegiados. O mundo do trabalho se separa cada vez mais em dois grupos: por um lado uma elite que controla e administra uma economia cada vez mais internacionalizada e de crescente sofisticação técnica e, por outro, um número cada vez maior de assalariados que se encontram ameaçados pela introdução de técnicas aperfeiçoadas de informação, cujos empregos correm o risco permanente de serem deslocados e que carecem de sentido num mundo cada vez mais automatizado. As perspectivas que se abrem para muitos são traumáticas. (Chonchol, 1996, p. 36)

Já não há mais segurança no emprego, já não há mais, para a maioria das pessoas, a garantia de que, ao fim de um dia de trabalho, outro se sucederá. De fato, “há pouco espaço para a vida vivida como um projeto, para planejamento de longo prazo e esperanças de longo alcance.” (Bauman, s/d, p. 50)

Associado ao desemprego crescente, outro dado importante na globalização é o consumo. Nunca como agora o valor do consumo foi tão determinante para uma cultura. Cria-se, então, uma cultura do desperdício, uma cultura de aparências, baseada em uma tremenda desigualdade social, semente para uma era de violência como ainda não houve igual.

Violência social, violência ecológica, indivíduos assustados, cada vez mais incapazes de olhar o outro como semelhante, cada vez mais incapazes de compaixão. Um mundo de exclusões, agravadas pelo desproteção social, como se o desejo por um estado de bem-estar fosse um despropósito e não um direito de cada e de todo cidadão.

Em artigo na Folha de São Paulo, Marilena Chauí chama nossa atenção para um processo de nos anestesiarmos que usamos para sobrevivermos num país como o Brasil na época da

globalização. Ela começa o artigo comentando de um amigo que foi para a Índia e voltou aturdido com os mendigos que encontrou por lá. Depois, ela reflete sobre a miséria acampada nas ruas do Brasil e do mundo, para concluir: “tenho me perguntado também se, como os outros, ele (o amigo) se anestesiou e passou a não ver os miseráveis, integrando-os como parte da paisagem urbana: semáforos, veículos, prédios, árvores, buracos, entulho, lixo e ... mendigos.” (Chauí, 2000, p. 19)

A seguir, ela comenta que o Brasil é o terceiro país do mundo em índice de desemprego, fala do “montante absurdo de gastos públicos e privados com a segurança”, para concluir que “o quadro é de apartheid social e de guerra civil tácita.” (Chauí, *ibidem*)

Chauí lembra que um flanelinha ganha mais do que um professor, que um pedinte ganha mais que uma faxineira, para observar que

o neoliberalismo, ao dismantelar o sistema produtivo e uma economia com ênfase no mercado interno, destruiu as formas de organização, luta e participação política dos trabalhadores e, ao privatizar os direitos sociais, sob a forma de serviços prestados por terceiros ou pela iniciativa privada, despolitizou a sociedade civil e deslocou para a mendicância e a delinquência milhões de pessoas que, outrora, seriam ativistas de movimentos sindicais, sociais e populares, lutando e conquistando direitos econômicos, sociais, políticos e culturais. Pode-se pensar, então, que a fome de uns e o medo de outros, o crime organizado, de um lado, e a desmontagem do Estado, de outro, tecem a violência, a insegurança e o horror contemporâneos. (Chauí, *ibidem*)

Assim, resumindo, podemos dizer que a globalização se caracteriza fundamentalmente por uma fluidez financeira jamais vista; uma manipulação da informação em prol do mundo financeiro; um neocolonialismo baseado na conquista de mercados; a conquista de novas técnicas de produção e de novas produções; uma nova moral, narcísica, que gera um novo consumo: o consumidor no lugar do cidadão; um descompromisso das cadeias produtoras com as sociedades e/ou os lugares onde se instalam; a busca do lucro, inclusive através do pagamento de baixos salários; a competitividade no lugar da competição.

As principais conseqüências da globalização são: o desemprego como grande problema mundial; uma crescente desigualdade social; violência; coisificação das pessoas e das relações humanas; a falta de uma postura ética que permita ao ser humano ser solidário e exercer sua cidadania; a troca da autonomia pela previsibilidade para as pessoas; o reinado da estatística contra a autodeterminação das pessoas e dos países; o enfraquecimento da Política em prol do clientelismo; a possibilidade de que apenas uma pequena minoria se aproveite dos avanços notáveis das ciências.

A CULTURA DE CONSUMO

A base para esta espécie de guerra civil não declarada que vivemos hoje principalmente nas grandes cidades brasileiras é a cultura de consumo. Observe-se que o problema é a cultura do consumo, não o consumo em si: consumo e mercado sempre existiram na história da civilização humana, mas não da forma como se dá hoje. No Brasil, esta cultura de consumo se revela como um mimetismo dos grandes irmãos do norte, fruto do neocolonialismo a que se referiu Jacques Chonchol. Esta cultura de consumo tem reflexos em todo o comportamento humano, sexualidade inclusive.

Podemos definir nossa sociedade atual como sociedade de consumo porque é o consumo o responsável pela coesão da sociedade nos dias de hoje. O lado positivo disso é uma melhora na qualidade material de vida, fato inegável que observamos facilmente hoje. O lado negativo é que a manipulação ideológica fica mais facilitada, uma vez que, no capitalismo moderno, o mimetismo dos valores do colonizador faz praticamente desaparecer os valores regionais e históricos de cada população.

A base psicológica que permite o processo de globalização do modo como se dá hoje é o narcisismo. Por isso podemos dizer que nossa sociedade é narcisista. É uma sociedade narcisista porque tem como característica importante o enorme valor dado ao aspecto material da vida como medida de progresso, em detrimento do crescimento pessoal e da busca do contato enriquecedor com o outro. É importante lembrarmos de que o narcisista tem enormes dificuldades com a convivência com as diferenças, com a aceitação das diferenças como fenômenos enriquecedores e não como fenômenos competitivos.

Desenvolvido por Freud e por diversos outros autores, o termo “narcisismo” nos serve hoje para designar um tipo de personalidade cuja característica principal é uma exagerado apeço pela própria imagem, a exemplo de Narciso, personagem do mito grego imortalizado no poema “A Metamorfose – A História de Eco e Narciso”, de Ovídio. No mito, Narciso, depois de rejeitar tantos quantos tentassem aproximar-se sensualmente dele, acaba por apaixonar-se pela sua própria imagem refletida em um lago cristalino.

Para Christopher Lasch, o indivíduo narcisista,

liberado das superstições do passado, duvida até mesmo da realidade de sua própria existência... Suas atitudes sexuais são mais permissivas do que puritanas, muito embora sua emancipação de velhos tabus não lhe tenha trazido a paz sexual. ... Ganancioso, ... ele exige gratificação imediata e vive num estado de desejo, desassossegada e perpetuamente insatisfeito. (Lasch, 1983, p. 141/15)

Alexander Lowen explica porque se pode ver o narcisismo como uma condição cultural:

em nível cultural, o narcisismo pode ser considerado como perda de valores humanos - uma ausência de interesse pelo meio ambiente, pela qualidade de vida, pelos seres humanos seus semelhantes. Uma sociedade que sacrifica o meio ambiente natural em nome do lucro e do poder revela sua insensibilidade em face das necessidades humanas. A proliferação de coisas materiais converte-se em medida de progresso na vida, e o homem é oposto à mulher, o trabalhador ao patrão, o indivíduo à comunidade. Quando a riqueza ocupa uma posição mais elevada do que a sabedoria, quando a notoriedade é mais admirada do que a dignidade, quando o êxito é mais importante do que o respeito por si mesmo, a própria cultura supervaloriza a 'imagem' e deve ser considerada narcisista. (Lowen, 1986, p. 09)

Lasch acrescenta que

o narcisista não se interessa pelo futuro porque, em parte, tem muito pouco interesse pelo passado. ... Em uma sociedade narcisista – uma sociedade que dá crescente proeminência e encorajamento a traços narcisistas (grifos meus)– a desvalorização cultural do passado reflete não só a pobreza das ideologias dominantes, (...) mas a pobreza da vida interior do narcisista. (Lasch, 1983, p. 15)

Vivemos em uma cultura narcisista na qual a ética foi substituída pela técnica e que tem um ideal de progresso segundo o qual não há limites para as ações humanas.

Para Lowen,

uma ausência de limites está ligada ao desenvolvimento do narcisismo numa civilização. A nossa época caracteriza-se por um impulso para transcender limites e pelo desejo de negá-los. Limites existem e, fatorialmente, podemos reconhecê-los. Emocionalmente, porém, podemos não aceitar a idéia de limites. Acreditamos, ou desejamos acreditar, que o potencial humano é ilimitado. Ciência e tecnologia prometem um futuro em que as pessoas estarão livres de muitas das limitações naturais que restringiram seus ancestrais... Mas é a negação de limites sociais, expressos na moral ou nos códigos de comportamento, que promove predominantemente uma atitude narcisista. (Lowen, 1986, p. 201)

Esta ideologia, segundo Rollo May, está baseada no fato de que os seres humanos contemporâneos “nunca aceitaram, como se deve fazer, seu destino, com todas as pressões cruéis e benéficas. Também não aceitaram o fato de que ninguém jamais consegue obter amor suficiente. Esse anseio por amor nos torna humanos.” (May, 1992, p. 196)

Em lugar da aceitação da necessidade de amor, o que se percebe nas pessoas de nossa cultura é um sentimento de vazio. Um vazio que se tenta preencher através do poder, aqui entendido no sentido de 'poder sobre' (poder sobre a natureza, poder sobre o mundo, poder sobre as outras pessoas, poder sobre a própria vida) e não no sentido de 'posso' (ser capaz de).

Ao lado do narcisismo – ou por causa do narcisismo – uma outra base psicológica para que o consumo seja tão importante em nossa sociedade é uma enorme confusão entre desejo e necessidade. O que podemos notar é que uma grande falta da pessoa média no mundo globalizado é uma melhor capacidade de discriminação, da qual se aproveita a ideologia dominante para instaurar a confusão entre desejo e necessidade. Para que uma sociedade se caracterize como uma sociedade de consumo, é muito importante que as pessoas sejam previsíveis, que *desejem* consumir as mesmas coisas e que imaginem que *necessitam* dessas mesmas coisas.

Um dos campos do existir humano em que essa confusão entre desejo e necessidade mais se evidencia é o campo da sexualidade; desta maneira, me parece importante estender esses raciocínios para o exercício da sexualidade no mundo globalizado. Penso que a sexualidade é uma variável importante para entendermos o ser humano, porque grande parte da interação entre as pessoas em nossa sociedade (assim como na maioria das sociedades) se dá através de leis que determinam os papéis sexuais. Além disso, não tenho dúvidas de que a sexualidade é fator importantíssimo no estabelecimento da identidade pessoal e fonte de algumas das mais importantes e intrigantes indagações que as pessoas se fazem no curso da vida.

Como um exemplo da aproximação que podemos fazer entre a globalização e o exercício da sexualidade, podemos observar uma tensão facilmente percebida hoje nos jovens. Graças aos avanços de algumas ciências, notadamente a Medicina, o tempo de vida humana tem aumentado. Um jovem do ano 2000 tem muitas chances de ver a passagem do próximo século. No entanto, graças à ideologia globalizante, este jovem viverá num tempo para o qual a imediaticidade será a norma, principalmente a imediaticidade do prazer. Pensemos, então, na questão da AIDS e nos comportamentos exigidos para sua prevenção. O uso da camisinha, na visão da maioria dos jovens de hoje, diminui o prazer da relação sexual. Pois bem, imaginemos um jovem de nosso tempo, pronto para uma relação sexual. Ele usa a camisinha e assim preserva a maximização de seu tempo de vida? Ou ele cede ao máximo de prazer imediato e enfrenta a possibilidade de contrair a doença e abreviar seu tempo de vida? Está criada a tensão, uma tensão que, embora com intensidades diversas, está presente em grande parte das vivências emocionais em um mundo globalizado.

SEXUALIDADE E CONSUMO

Para que se possa entender um pouco melhor a relação entre o consumo e a organização social de nosso tempo, é importante que se estabeleça desde já uma diferenciação que tem implicações importantes na sexualidade. Como já levantei, um dos ‘truques’ para se implantar a ideologia da globalização é confundir desejo com necessidade.

No nível psicológico, nós temos necessidade principalmente de amor e de aceitação. Grosso modo, o resto é desejo. A partir de certa idade, a sexualidade é um meio por excelência para alcançarmos a satisfação da necessidade de amor, mas o que observamos é que, no mundo atual, ela, a sexualidade, acaba sendo vivenciada como uma necessidade com fim em si mesma.

O ficar é um bom exemplo disso. Potencialmente bom enquanto meio de auto-conhecimento, potencialmente bom enquanto meio de conhecer-se como ser sexualizado e ser em relação, não raro observamos o ficar como um fim em si mesmo. Devagar, de meio criativo de exploração da floresta da sexualidade, o ficar vai ficando, isto é, os jovens, mesmo quando já capazes de manter relações mais duradouras (ou ao menos de experimentá-las) mantêm-se na esfera do ficar. Um ficar tardio que cada vez tem mais espaço social, exatamente porque, para a ideologia global, é melhor mesmo que Narciso não veja Eco. Assim, o ficar vai-se tornando fim em si mesmo, favorecendo a transformação de seres em relação em objetos que se consomem.

Penso que invertemos hoje, principalmente através da propaganda, a ordem entre desejo e consumo, de tal maneira que não é o desejo quem regula o consumo, mas, antes, é o consumo que acaba por ‘regular’ o desejo das pessoas. Se o que regula os desejos é o consumo, se o que se consome são objetos, é então muito provável que se vá objetificar as pessoas para poder fazer incidir nelas o desejo. Em outros termos, a questão é a seguinte: se a lógica que regula o mundo de hoje é o consumo, como isso se reflete e como interfere no exercício da sexualidade?

A puberdade e a adolescência marcam um período em que a sexualidade emerge com toda a sua força. É em parte por causa da eclosão tão abrupta da capacidade sexual e da consciência desta capacidade que grande parte das fragilidades típicas dessa época da vida humana têm sido depositadas em um conteúdo sexual. Exatamente por causa dessa fragilidade, a ideologia globalizante lida – à maneira das religiões em outros tempos – com a sexualidade como uma das melhores portas para a entrada na ideologia do consumo.

Estamos, então, diante de uma objetificação com que a cultura pós-moderna seduz as pessoas, isto é, a maneira como se cria na sociedade a idéia de que os corpos são, por si sós, objetos de consumo. Trata-se quase que de uma cisão que induz à prática do sexo sem afeto, do sexo pelo sexo, transformando cada parceiro apenas no local de descarga da energia sexual do outro.

Tal maneira de vivenciar a sexualidade, que é exemplarmente descrita no “Admirável Mundo Novo”, de Huxley, retira da sexualidade aquilo que é, de fato, sua maior força e seu melhor propósito para o ser humano, que é ser via privilegiada para o encontro com o outro. Retira também da esfera da sexualidade a vivência do amor, que acaba reprimido em prol de um maior gozo sexual e de uma maior possibilidade de troca de parcerias, objetivo maior do sexo banalizado.

Em outros termos, podemos dizer que a ideologia do consumo busca mecanizar a sexualidade como forma de transformar o ser humano em máquina, portanto um ser sem autonomia, sem liberdade, sem poesia. Uma vez transformado o exercício da sexualidade em atividade completamente isenta de arte, está aberta a porta para uma manipulação do desejo humano, para uma massificação do desejo humano (uma massificação que não leva em conta que o exercício da sexualidade no interior de um estado é necessariamente diferente da prática no litoral deste estado, por exemplo).

Essa massificação, que tem na mídia e na internet algumas de suas melhores armas, se dá através, principalmente, do culto ao corpo bem moldado e torneado, o corpo malhado, que acaba sendo vendido como ‘o’ meio de atração entre as pessoas. É o culto ao formato como maneira de banalização do conteúdo.

Não pretendo aqui dizer que a atração física entre as pessoas não seja importante. Não é isso. O que digo é que o desejo humano assume tão variadas formas, parte de princípios tão individuais, que reduzi-lo ao desejo pelo corpo, ao desejo por um tipo de corpo, é mais que banalizá-lo, é menosprezá-lo.

No entanto esta é a premissa básica com que se lida com a sexualidade nos dias de hoje, o que é facilmente constatável nas propagandas, nos ‘out-doors’, nas revistas e nas mensagens subliminares com as quais nossa cultura educa os jovens.

No mundo globalizado, mais e mais o sexo é pura sensação, é pura busca de prazer corpóreo, quando muito é busca de provocar prazer no outro, mas apenas o prazer sensorial. O sentimento, a possibilidade de estar olho no olho, coração a coração com o outro (em outros termos, a possibilidade da intimidade), não devem ser buscados, pois podem propiciar crescimento da autonomia das pessoas, perigo maior para a ideologia pós-moderna.

O que se observa é que houve uma liberação de parte da pressão que se exercia há algum tempo sobre a sexualidade, no sentido de que ela tivesse a concepção como praticamente única meta aceita socialmente. Liberada desta pressão, a sexualidade como que ‘explodiu’ e assim se criou um dos mais importantes tabus de nosso tempo: o que era proibido passou a ser obrigatório.

Se antes o prazer era deixado em segundo plano em prol do papel reprodutor do sexo, hoje as pessoas são condenadas ao prazer. Desta maneira continuam ausentes o cuidado – cuidado para consigo mesmo e cuidado para com o outro – e a responsabilidade – responsabilidade para consigo mesmo e responsabilidade para com o Outro. Se antes a ideologia pregava o pouco contato com o outro por causa do pecado, hoje se prega o pouco contato com o outro como maneira de se prender apenas à própria sensação, distante do sentimento. A preocupação com o prazer do outro que é pregada no pós-modernismo nada mais é que, na realidade, uma preocupação em engrandecer narcisicamente o próprio ego, quase nada uma preocupação amorosa de servir ao outro numa troca.

É interessante notarmos uma das pressões a que estão sujeitadas as jovens de hoje: elas têm que transar. O grupo adolescente, representando a cultura, discrimina e quase exclui a jovem que espera o seu próprio tempo e o seu próprio amadurecimento para começar a vida sexual. Muitas meninas, às vezes até mesmo antes dos quinze anos, mas principalmente antes de estarem e de se sentirem devidamente amadurecidas, já estão praticando relações sexuais, não raro nem sequer tendo a possibilidade de imaginar as conseqüências destas experiências para suas vidas. Em outros termos, corpos mecanizados e banalizados, comandados pelo social. Com os meninos a situação é quase igual, com a diferença de que mais antiga um pouco, embora não menos perigosa para o desenvolvimento da autonomia. Porque autonomia, que nunca pode ser plena, é conquista paulatina, par a par com o desenvolvimento da inteligência e a maturidade.

Na época moderna, a sensualidade era condenada porque tentadora, porque aliciadora de condutas imorais. Hoje, no mundo globalizado, o que observamos é a sensualidade condenada por insuficiente. A busca hoje é pelo pornográfico (basta dar um passeio pela internet para perceber isso), pelo mais explícito possível, porque as delícias da curiosidade, o prazer do descobrir, as fantasias geradas pelo misterioso são muito perigosos – podem tocar o coração.

Se na modernidade a ordem era a de que a relação sexual se daria quando do desejo do homem, hoje o que regula a freqüência das relações é a estatística, a grande normalizadora de nossos tempos. A mídia em geral é pródiga em fazer matérias nas quais se enfatiza a média, quase que explicitamente declarando que quem foge dela está com algum distúrbio sexual. Um casal que – independentemente das circunstâncias – não transe uma ou duas vezes por semana (a quantidade depende da pesquisa apresentada), não é feliz. Pouco importam os humores, os amores, a situação familiar, ou profissional, ou financeira, ou a qualidade humana da relação interpessoal, a ordem é clara: a felicidade de um casal se mede pela média de intercursos semanais ou mensais, a depender da pesquisa apresentada.

Esse reino da estatística é o reino da massificação, da busca da unificação de comportamentos. Uma massificação que acaba por gerar uma onipotência (principalmente nos jovens) que leva a um exercício irresponsável da sexualidade. O constante aumento de casos de

AIDS, o excesso de gravidezes entre nossos adolescentes e o uso excessivo de drogas são os sintomas mais evidentes disso. Mas há outros, sintetizados na falta do amor solidário entre homens e mulheres, sejam parceiros ou não. Em outros termos: falta amor solidário entre parceiros e entre homens e mulheres enquanto gênero (este raciocínio se aplica também às parcerias homossexuais.) Onde falta amor solidário, sobra amor possessivo, amor inseguro porque não baseado na autonomia e na intimidade.

É isso que eu chamo de amor globalizado, um amor baseado no poder sobre, alimentado por ciúmes a cada dia mais possessivos, um amor estéril e consumidor (de si e da pessoa amada) como o amor (amor?) de Narciso.

Se a cultura de consumo tem tantas conseqüências sobre o exercício da sexualidade, o que poder-se-ia pensar acerca das correlações entre religião e cultura de consumo?

RELIGIÃO E CULTURA DE CONSUMO

Para buscarmos entender as correlações entre religião e cultura de consumo, antes de mais nada é importante levarmos em conta que, hoje em dia, diferentes religiões lidam de diferentes maneiras com o consumo. Para setores radicais das CEBs, por exemplo, o que importa é negar o consumo e seu apelo social; para algumas teologias chamadas ‘da prosperidade’, o consumo é visto como sinal de bênção divina; para alguns setores da chamada ‘nova era’, o consumo serve como meio de identificação e de pertença ao grupo. De qualquer forma, não representa demasiado atrevimento dizermos que toda religião nos dias de hoje tem que se haver com o consumo, com a sociedade de consumo.

Indo mais além, podemos notar que algumas questões humanas importantes que até pouco tempo atrás eram respondidas pela religião, hoje tem no consumo a possibilidade de respostas. Desta maneira, grande parte da pertença a este ou àquele grupo é determinada pelo que se consome e, de certa maneira, até mesmo o sentido da vida é buscado socialmente no consumo, num processo de substituição que provavelmente nunca teve similar na história humana, pois a busca do sentido da vida é uma das marcas da religião, como afirma Rubem Alves: “esta a marca de todas as religiões, por mais longínquas que estejam umas das outras: o esforço para pensar a realidade toda a partir da exigência de que a vida faça sentido.” (Alves, 1989, p. 11)

Não se quer com isso dizer que o ser humano tenha se tornado menos religioso, mas sim que houve uma mudança na maneira de expressão desta religiosidade. A religiosidade está presente nos seres humanos da era da globalização, em grande parte expressa através do consumo. Muitos dos lugares centrais para o consumo, como os shoppings centers, por exemplo, são visitados religiosamente por muitas pessoas, num processo de substituição de templos que altera até mesmo a arquitetura urbana dos grandes centros.

O grande medo do cidadão médio dos dias de hoje é o não pertencimento pelo não-consumo, num processo em que ser cidadão significa ser consumidor. Este medo é reforçado pela ideologia narcisista, como já vimos, uma vez que para o indivíduo narcisista o desenvolvimento de sua personalidade não chegou no ponto em que ele pudesse conviver com as diferenças, em que ele pudesse, no dizer de Rollo May, deparar-se “com o problema fundamental de todo desenvolvimento humano individual: cada pessoa deve negociar o laço biológico para *obter seu próprio ser, e então ir além dele*, para dimensões da consciência altamente diferenciadas.” (May, 1992, p. 174)

Assim, por não ter ainda a capacidade de se diferenciar, o indivíduo narcisista acaba por ter seu desejo normatizado pelo social, um social que, como já vimos, fará todo o esforço para que as pessoas alcancem uma unificação de desejos. Uma das conseqüências disso será a demonização do não-consumidor ou do consumidor falho, num mecanismo de inveja que é mais um demonstrativo da enorme dificuldade de o narcisista conviver com as diferenças. Este padrão cultural tem grandes conseqüências para a vivência da religiosidade das pessoas, uma vez que, para o indivíduo narcisista, reconhecer-se religioso, reconhecer-se insuficiente diante de um deus ou de deuses que não o tratem de maneira igualitária é assustador. Assustador porque essa idéia de insuficiência remete aos sentimentos (sempre amortecidos no narcisista) e à religiosidade. Se partirmos da idéia de que a religiosidade é principalmente uma busca do sentido da vida, podemos dizer com Rubem Alves que ela está muito mais próxima dos sentimentos do que da racionalidade: “o sentido da vida é um sentimento.” (Alves, 1989, p. 74) E aqui nos deparamos com uma questão básica: se o narcisista amortece seus sentimentos, como fica a religiosidade em sua vida?

Provavelmente encontraremos que a religiosidade é substituída pelo narcisista por uma sensação de especialidade. O narcisista sente-se demasiado especial, o que o auxilia a tentar livrar-se da religião. O que podemos entender por especial?

uma lista simples inclui: 1. ‘Posso fazer qualquer coisa’ (onipotência); 2. ‘Sou visível em toda parte’ (onipresença); 3. ‘Eu sei tudo’ (onisciência); e 4. ‘Existo para ser adorado.’ Estes são, é claro, os atributos de um deus. Em algum nível profundo, os narcisistas e, especialmente, as personalidades psicopáticas vêem-se como pequenos deuses. Com excessiva freqüência, lamentavelmente, seus seguidores também os vêem assim. (Lowen, 1986, p. 111)

Assim, a cultura cria a ilusão de que se secularizou e que pode prescindir da religião. Mas isso não é verdade, como nos lembra Rubem Alves:

a religião não se liquida com a abstinência dos atos sacramentais e a ausência dos lugares sagrados, da mesma forma como o desejo sexual não se elimina com os votos de castidade.... O que ocorre com freqüência é que as mesmas perguntas religiosas do passado se articulam agora, travestidas, por meio de símbolos secularizados. Metamorfoseiam-se os nomes. Persiste a mesma função

religiosa... Se isto for verdade, seremos forçados a concluir não que o nosso mundo se secularizou, mas antes que os deuses e esperanças religiosas ganharam novos nomes e novos rótulos, e os seus sacerdotes e profetas, novas roupas, novos lugares e novos empregos. (Alves, 1989, p. 13/14)

O consumo é parte importante desta nova roupagem da religião, como já vimos. Igualmente importante é notarmos que há uma íntima correlação entre a religiosidade e a questão do poder sobre, como já frisamos. Penso que a pessoa religiosa reconhece melhor os limites ao próprio poder (e assim se humaniza mais), ao contrário do indivíduo narcisista de nossa cultura, como diz Lowen:

sob muitos aspectos, o poder é uma negação da humanidade da pessoa. Como já vimos, através do poder, o narcisista procura transcender sentimentos de desamparo e dependência. Mas, não constitui certo desamparo uma parte da condição humana? Não pedimos para nascer e, de modo geral, não sabemos quando morreremos. Não podemos escolher por quem nos apaixonamos. Existem muitos casos em que não somos senhores de nosso destino. Entretanto, o nosso desamparo nessas áreas é tolerável porque todos os seres humanos estão no mesmo barco. E precisamos uns dos outros para enfrentar a escuridão, afugentar o frio, *conferir significado à existência* (grifos meus). Os seres humanos são criaturas sociais. É com outras pessoas que encontramos o calor, a excitação e o desafio da vida. E somente no seio da comunidade humana nos atreveremos a enfrentar o assustador desconhecido... Os narcisistas não são exceções a essa necessidade humana. Também eles precisam das pessoas. Mas não se atrevem a reconhecer essa necessidade. Fazê-lo é admitir e enfrentar sua vulnerabilidade. (Lowen, 1986, p. 102)

Analisando nossa cultura narcisista, Lowen afirma que “a irrealidade do mundo moderno é sua fé no poder” (Lowen, 1986, p. 217), referindo-se ao que anteriormente chamamos de poder sobre. Grande parte dessa irrealidade do mundo moderno vem, no meu modo de ver, de uma dificuldade narcísica de aceitar que possa haver um poder transcendente ao qual as pessoas estariam sujeitadas. Daí decorre uma busca de uma secularização do mundo, fruto de uma perda da inocência humana em prol de uma suposta sofisticação do jeito de ser e de estar no mundo. Recorramos ainda a Lowen:

o que possuem os inocentes? Um coração aberto e generoso, prazeres simples, fé. Muito mais fascinante é ter uma mente aguçada; conhecer tudo da vida, os baixos e os altos; ter poder, ser admirado, sentir-se especial. É difícil resistir à sedução do poder, sobretudo quando, em criança, uma pessoa foi magoada e traída por aqueles a quem ama. Liquidar o reino do céu em troca do poder é uma transação diabólica. É a transação feita pelo narcisista. (Lowen, 1986, p. 220)

Qual o resultado desta transação feita pelo narcisista? Em parte é a banalização do sagrado, da mesma forma como foi banalizado o sexo e como foram banalizados os sentimentos. A soma dessas banalizações, como dizem Lowen (“a grandiosidade exibida pelos caracteres narcisistas é uma defesa relativamente eficaz contra a depressão” [Lowen, 1986, p. 29]) e Rollo May (“o eu torna-se cada vez mais insignificante em nosso mundo de tecnologia.... O vago desalento sempre ameaça tornar-se depressão profunda.” [May, 1992, p. 178]), talvez possa ser vista em pesquisas citadas por May, segundo as quais, em 1988, “a depressão psicológica está num índice dez vezes mais alto do que antes da Segunda Guerra Mundial” (May, 1992, p. 98). Para quem lida com psicoterapia, é evidente o aumento de casos de depressão nos consultórios, como, aliás, o próprio Lowen comenta em seu livro:

nos quarenta anos em que venho trabalhando como terapeuta, presenciei uma acentuada mudança nos problemas de personalidade das pessoas que me consultam. As neuroses de antigamente, representadas por culpas, ansiedades, fobias ou obsessões incapacitadoras, não são comumente vistas hoje em dia. Vejo, pelo contrário, mais pessoas que se queixam de depressão; elas descrevem uma ausência de sentimento, um vazio interior, uma sensação profunda de frustração e de insatisfação com o que lograram realizar na vida. (Lowen, 1986, p. 10)

Aqui é importante fazer uma observação: a depressão não é apenas fuga, mas também possibilidade de retiro. Neste sentido, podemos entender que ao menos uma significativa parte das depressões de hoje em dia têm enorme relação com a falta do sagrado, porque é exatamente esta a direção que aponta o retiro a que a depressão pode remeter a pessoa. Retiro para dentro de si mesmo em busca de revisão, de reavaliação da vida e de possibilidades para traçar novos projetos existenciais, de novos sentidos para a vida.

A depressão aponta o que falta, daí a presença em dose tão grande da culpa no depressivo. “Como a culpa é aquilo que falta, a essência da culpabilidade humana só pode ser entendida face a plenitude e realização da existência humana.” (Boss, 1981, p. 37) Independentemente de qualquer outra conotação, a culpa do depressivo narcisista é uma culpa diante de si mesmo, uma culpa por não estar utilizando adequadamente sua potencialidade. O retiro depressivo é uma chamada à atenção para o desperdício que a pessoa está fazendo de si mesma e de sua vida.

Segundo Lowen (1983, *pasin*), somente quando o depressivo narcisista consegue alcançar a fé ele pode de fato se ver libertado de sua condição narcísica. Note que falo de fé, não de crença nessa ou naquela religião - a crença pode ser a forma de substancialização da fé para algumas pessoas, mas ela não é a fé. Às vezes, até pelo contrário, a crença encobre a ausência de fé, na medida em que a crença pode dar parâmetros externos à pessoa, parâmetros esses que nunca alcançarão a qualidade dos parâmetros internos que a fé traz. Falo da fé na vida, da fé no

significado da presença de cada pessoa em sua circunstancialidade histórica, física e cultural. Falo da fé na riqueza que a vida de cada pessoa representa para a Vida.

Há um jogo de interdependência entre fé, autoconfiança, religiosidade e humanização que traz o colorido maior à vida, aproximando-nos da possibilidade de contato com o sagrado e com a integração da energia vital através da criação da possibilidade da humildade, uma possibilidade que o depressivo narcisista não conseguiu ainda alcançar e que está na base de sua depressão.

É esta fé que abre o coração para o amor e a solidariedade para com as outras pessoas, principalmente para com as crianças - o futuro de todos e de cada um - e para os idosos - a base de todos e de cada um.

É esta fé que vemos sistematicamente rejeitada pela atual sociedade de consumo.

EBP/MAI-OUT/2000

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem (1989). *O que é Religião*. São Paulo: Círculo do Livro
- BAUMAN, Zygmunt (s/d). *O mal-estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- BOSS, Medard (1981). *Angústia, Culpa e Libertação*. São Paulo: Livraria Duas Cidades
- CHAUÍ, Marilena (2000). Quem semeia ventos colhe tempestades, *Folha de S. Paulo*, caderno Mais, 05/03/2000, p. 19
- CHONCHOL, Jacques (1996). Globalização e neocolonialismo, *Reflexión y Liberación*, N ° 30, pp. 31-40
- LASCH, Christopher (1983). *A Cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago
- LOWEN, Alexander (1986). *Narcisismo*. São Paulo, Círculo do Livro
- LOWEN, Alexander (1983). *O Corpo em Depressão*. Summus, São Paulo
- MAY, Rollo (1992). *A Procura do Mito*, São Paulo, Manole
- SANTOS, Milton (2000). *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro, Record

ⁱ * Ênio Brito Pinto, 44, é psicólogo, psicopedagogo, psicoterapeuta, professor da SBRASH, mestrando em Ciências da Religião na PUC/SP e autor do livro “Orientação Sexual na Escola – a Importância da Psicopedagogia nessa Nova Realidade”, Editora Gente